

FESTAS TRADICIONAIS E TURISMO

Marielys Siqueira Bueno¹

Palavras-chave: Festa tradicional e Turismo

Referindo-se à festa como manifestação cívica e cultural, Octávio Paz diz que “a sociedade comunga consigo mesma na festa” e, graças a ela, o mexicano comunga com seus semelhantes e com os valores que dão sentido à sua existência religiosa ou política.

Nada na sociedade atual favorece tais encontros. O desenvolvimento capitalista, na opinião de Edgard Morin, acarretou a mercantilização generalizada destruindo numerosos tecidos de convivialidade. Esse desenvolvimento, diz ele, “não somente trouxe florescimento individual, liberdade e lazer, mas também, uma atomização, consequência das coerções organizacionais especificamente modernas”.

Muitos pensadores sociais apontam para essa fragmentação do espaço urbano que compromete a convivialidade e empobrece as relações. Richard Sennet, em seu livro “O declínio do homem público” verifica que à medida que a vida pública e comunitária se torna exangue anula-se o senso de contato significativo.

Referindo-se à condição atual, Balandier afirma que o homem de hoje está preso no casulo invisível formado por todas as redes que lhe transmitem à distância, imagens e ruídos do

¹ Diplomada em Études Approfondies en Anthropologie Sociale e en Études Approfondies en Cinéma Anthropologique pela Sorbonne, na França. Doutora em Sociologia pela USP. Mestre em Antropologia pela UFGO. Pedagoga. Ministrou oficinas, palestras e disciplinas ligadas a Cinema como técnica de pesquisa e alternativa metodológica para as Ciências Humanas, bem como sobre os índios *karajá*, sobre lazer e festas populares. Realizou o filme: “*Une Journée du Travail d’un Boia Fria*”. Efetuou pesquisas sobre lazer e cultura popular nas zonas rurais. Docente, desde 1997, em cursos de turismo, da Universidade de Uberaba e da Universidade Paulista (UNIP), campi de Ribeirão Preto e Araraquara, com disciplinas nas áreas de Sociologia, Antropologia, Metodologia Científica, Lazer e Cultura Popular, e de Teoria e Técnica de Turismo. Ex-diretora do Curso de Turismo da Universidade de Uberaba, MG. Possui publicações no campo da antropologia destacando as festas como tema central.

mundo. É preciso, diz ele, encontrar novas terapias capazes de tirar os homens do efeito das fascinações e reensinar a eles governar as imagens e a não suportar que elas sirvam à captura da sua liberdade.

A festa enquanto manifestação cultural comunitária possui uma dimensão social que não pode ser negligenciada

Acreditamos, como Roberto Cipriani, que “festa coloca em evidência a reapropriação ou, pelo menos, o desejo de recuperação, de uma solidariedade, de uma vivência intensa, de um exercício de fantasia, que as mutações das condições sociológicas parecem, cada vez mais impossíveis” e, também, porque a ‘festa’ parece possuir condições ideais para convivialidade e para o acolhimento do ‘outro’

Hoje, quando praticamente todos os espaços estão impregnados pelo espírito da modernidade que, segundo Baudelaire é “o transitório, efêmero, contingente”, determinando uma vida linear, direcionada, planificada, torna-se imperativo a constatação de que existem diferentes dimensões na concretude da vida.

A festa, nesse caso, diz Balandier, abre espaços livres no interior da sociedade e ela não seria apenas um espetáculo onde se joga com a realidade e com o imaginário, mas, igualmente, uma participação ativa onde se cria espaço para a libertação física e psíquica possibilitando a “solidariedade vicinal” e a coesão social.

As festas são ocasiões para as pessoas se reunirem e delas saírem fortalecidas. A festa constitui um cenário importante da cultura. Nela se instala o clima do riso, descontração, despreocupação. Na festa, o futuro e o passado se congelam – o presente predomina. A cabeça se esvazia do peso, do fardo do cotidiano que emperra as ilusões e enferruja os sonhos, o imaginário. A festa tem leveza, projeta a ordem na desordem, no momento suspenso. Nela se vê, se toca, se conecta com o ‘o outro’. Na festa a despesa não é utilitária e a sociedade vê nela uma fonte de energia e criação. Octavio Paz diz que a festa “é uma verdadeira recr(e/i)ação, ao contrário do que acontece com as férias modernas, que não trazem rito ou cerimônia alguma, que são individuais e estéreis como o mundo que as inventou”.

O imaginário, atuante nos momentos criativos de festa, continua, segundo Balandier, o meio privilegiado pelo qual o homem introduz materialidade a seus sonhos.

A festa enquanto manifestação cultural comunitária possui uma dimensão social que não pode ser negligenciada. Inscrita no contexto do lazer, essa comunhão de emoções confirma a sociabilidade em ato que cimenta a vida social.

Como já foi colocado, as festas constituem um cenário importante e atraente da cultura e, por isso mesmo, oferecem um espaço e um momento privilegiado para minimizar esse isolamento engendrado pela vida moderna.

Assim a proposta básica da reflexão sobre a festa e o turismo/hospitalidade se orienta para uma reflexão sobre as condições e as relações dessas festas que chamarei de ‘comunitárias’ para evitar todo envolvimento polêmico da expressão ‘cultura popular’, ‘festa popular’.

Acredita-se, em função do exposto até então, que procurando observar as relações de convivência nas festas comunitárias, a sua ordenação, seu grau de integração e sua exposição ao fenômeno turístico surjam indicadores que permitam avaliar os elementos envolvidos nessa prática e o desdobramento dessa relação, possibilitando, assim uma compreensão mais ampla dessa realidade. Além disso, as duas festas escolhidas para a investigação ganharam projeção nacional e, hoje, atraem um número considerável de visitantes para participarem delas.

Procura-se, dessa maneira, levantar subsídios que permitam investigar os diferentes aspectos do fenômeno e apontar nessa solidariedade de base no espaço festivo que une os habitantes de um mesmo lugar, as adaptações, as transformações (se houver) ao se defrontar com o fenômeno turístico, ou seja, como as festas comunitárias reagem ao olhar dos de ‘fora’. Encontramos na festa da ‘Cavallhada’ em Pirenópolis, Goiás e no ‘Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas essa solidariedade de base no espaço festivo que une os habitantes dessas comunidades.

A festa da Cavallhada, tem o caráter predominantemente religioso e a festa do Boi-Bumbá tem inspiração folclórica.

Elas foram selecionadas porque ambas privilegiam o imaginário em momentos criativos de uma plasticidade rica e atraente e, em ambas, encontra-se o aspecto ‘mutirão’ que evidencia a oposição ao individualismo engendrado pelas características urbanas.

Nas duas festas, a comunidade local se prepara durante o ano todo, trabalhando em conjunto, em equipes, na elaboração da expressão de uma imaginação simbólica que desempenha seu papel revelador e crítico.

A despeito das várias influências, essas festas conseguem resistir, se manter e até se ampliam marcando, de maneira surpreendente, sua presença no cenário nacional.

A razão dessa persistência e desse fortalecimento talvez explique igualmente os aspectos positivos dessa articulação da festa comunitária com formas de acolhimento e com elementos novos como o turismo.

Essas festas se atualizam na medida que incorporam técnicas que a modernidade oferece e as inserem no seu espetáculo.

Falando da festa de Parintins, Raimundo D. Vieira Filho diz que “a cultura regional se revitaliza e contribui para a construção de uma identidade amazônica em diálogo com a cultura mundial”.

Pode-se dizer a mesma coisa para a festa de Pirenópolis,) e ambas, “valorizando os mitos, a religião e a arte como formas de interpretar a realidade, transformam-se em um dos caminhos para o reencantamento do mundo”.

No entanto, para alguns autores, essa expansão carrega em si fatores que, potencialmente, podem gerar situações desestabilizadoras no tecido social.

Segundo Urry, citado por Luiza Neide M. T. Coriolano. “Existem muitos determinantes conflitivos entre hospedeiros e hóspedes nas relações sociais através das práticas turísticas”. Parece, portanto, ser importante verificar a natureza dessa interação entre visitantes e

residentes nessas festas e avaliar as marcas deixadas por esse intercâmbio criando novos elementos e/ou novas funções.

Ângelo César Brandão Pimentel, em seu artigo ‘Parintins:turismo e cultura “aponta para o efeito avassalador dos meios de comunicação de massas e o deslocamento da massa de turistas que se impuseram e, de forma, imperceptível mudam, gradativamente, a linguagem, o modo de vestir e talvez até o modo de festejar

Focalizando especialmente a questão do turismo ele aponta para a necessidade de pensar nos custos e benefícios que o turismo traz à população. Se por um lado, o turismo possa ser apontado como um elemento que estimula, incentiva as manifestações da cultura regional, ele questiona: “Resta saber até que ponto a festa vai resistir às transformações que já se processam, ou se vale a pena haver resistência às imposições, tais como, por exemplo, da mídia ou da indústria fonográfica, que conseguiu modificar o ritmo das toadas para um ritmo mais ‘acelerado’”.

Pode-se contrapor a esse questionamento a afirmação de Ortiz de que numa cultura mundializada “há uma relação entre uma suposta cultura global nascente com as culturas locais, numa espécie de retroalimentação recíproca”.

Ao longo da produção científica de Maria Esther Fernandes ela insiste que a investigação científica deve estar preocupada em reconstituir as formas concretas de vida porque é a prática real dos homens que define suas possibilidades de reprodução ou rejeição dos bens simbólicos a que estão sujeitos. E é essa a tarefa que nos propomos no momento.

BIBLIOGRAFIA

- BALANDIER, Georges. *Le detour; pouvoir et modernité*. Paris, Fayard, 1983.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura de rua*. Campinas, Papirus, 1989.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Sacerdotes da viola*. Petrópolis, Vozes, 1981
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *Turismo, hotelaria e hospitalidade*. In Célia M. Dias (org.), *Hospitalidade, reflexões e perspectivas*, São Paulo, Manole, 2002.
- CIPRIANI, Roberto. *Experimentos com Histórias de Vida*. Itália/Brasil. Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais, org. e introdução de Olga de Moraes Von Simson. S.Paulo, Vértice, 1988.
- GODBOUT, Jaques T. *Recevoir, c'est donner*. In *Communications* 65, L'hospitalité. Paris, Seuil, 1997.
- GODELIER, Maurice. *L'énigme du don*. Paris, Flammarion, 1996.

- GOTMAN, Anne. *La question de l'hospitalité aujourd'hui*. in Communications 65, L'hospitalité. Paris, Seuil, 1997.
- MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1984.
- ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade; Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2000.
- PIMENTEL, Ângelo César Brandão. *Parinstins: turismo e cultura*. In Somalu: Revista de Estudos Amazônicos, Ano II, n 2, Edição Especial, Manaus, Valer Editora, 2002
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O campesinato brasileiro. estudos brasileiros*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1976.
- VIEIRA Filho, Raimundo D. *A festa de boi-bumbé em Parinstins: tradição e identidade cultural*. In Somalu: Revista de Estudos Amazônicos, Ano II, n 2 –Edição Especial, Manaus, Valer Editora, 2002.